

## Os Annales e nós

The Annales and us

ROIZ, Diogo da Silva; SANTOS, Jonas Rafael. *As transferências culturais na historiografia brasileira: leituras e apropriações do movimento dos Annales no Brasil*. Jundiaí: Paco Editorial, 2012, 296 p.

---

### Lidiane S. Rodrigues

lidianesrgues@gmail.com

Pós-Doutoranda – Bolsista Fapesp

École des Hautes Études en Sciences Sociales

Av. Prof. Luciano Gualberto, 315 - Cidade Universitária

05508-010 São Paulo - SP

Brasil

---

### Palavras-chave

Annales; Historiografia; Universidade de São Paulo.

### Keywords: Annales School

Annales; Historiography; Universidade de São Paulo.

192

---

Recebido em: 9/11/2013

Aprovado em: 4/3/2014

O livro de Diogo da Silva Roiz e Jonas Rafael dos Santos, *As transferências culturais na historiografia brasileira: leituras e apropriações do movimento dos Annales no Brasil*, é parte do momento de efervescência que atravessa a área de estudos a que se liga. A história da historiografia tem suscitado interesse, adensado sua produção, diversificado seus eixos analíticos por meio da interdisciplinaridade e da abertura de seu leque temático: eis o cenário em que é publicado o livro.

Com a obra, os autores ambicionam tratar de uma dimensão relevante para a caracterização e compreensão da historiografia brasileira, particularmente aquela produzida no século XX no interior do sistema universitário: leituras e apropriações da produção da chamada "Escola dos *Annales*". O livro é composto por sete capítulos, um epílogo e um apêndice – além da apresentação de Helenice Rodrigues da Silva e do posfácio de Karina Anhenzini. Os autores contemplam volumosa bibliografia, além de valer-se de onze quadros e treze tabelas que sumarizam informações institucionais e dados quantitativos. Indiscutivelmente, trata-se de um levantamento laborioso.

No primeiro capítulo, "A invenção de uma tradição: 'A Escola dos *Annales*'", os autores situam historicamente os *Annales*, destacando a ambição do grupo em se opor à "escola metódica", "dita positivista" (ROIZ; SANTOS 2013, p. 38). Apresentam também algumas dificuldades envolvidas no emprego do termo "escola" e assinalam uma possível aproximação entre os *Annales* e o marxismo a partir da ideia de "busca da totalidade". No segundo capítulo, "A interpretação da 'História total' no pensamento de Fernand Paul Braudel entre 1949 e 1958", os autores apresentam a biografia desse historiador e seu interesse em dialogar com as ciências sociais. Elencam os alunos e professores brasileiros com que ele estabeleceu contato entre 1935-1937, quando era docente na recém-criada Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Passando em revista algumas declarações e "histórias dos *Annales*", os autores indagam-se a respeito de disputas pelo poder no interior do grupo ligadas à sucessão geracional. No capítulo seguinte, "Limites e possibilidades de pesquisa entre a 'História das Mentalidades' e a 'Nova História Cultural'", essas duas modalidades historiográficas são situadas uma em relação à outra e ambas em relação ao marxismo e à História Política e Econômica a partir da perspectiva de seus praticantes. Já no quarto capítulo, "A recepção da 'Escola dos *Annales*' na Europa e nas Américas: algumas reflexões" encontra-se um bom balanço da bibliografia a respeito da história do grupo dos *Annales*. São contemplados os trabalhos que com mais frequência entram em tela quando se trata desse assunto, o que implica a realização de um levantamento exaustivo. Ousaria, porém, sugerir que há uma lacuna: a ausência de Gerard Noiriel, cuja perspectiva analítica a propósito dos padrões de carreira dos historiadores franceses poderia enriquecer a discussão (NOIRIEL 1990). No capítulo seguinte, "Os *Annales* no Brasil: institucionalização do ensino universitário de Geografia e História na Faculdade de Filosofia", encontra-se uma paciente descrição do currículo, das reformas curriculares, da organização do curso, das teses e orientações do curso em questão. As informações são extraídas dos *Anuários* que

a instituição produzia em seus primeiros anos, da *Revista de História*, fundada por Eurípedes Simões de Paula em 1950 e de inventários de teses e dissertações defendidas. No sexto capítulo, denominado “Historiadores brasileiros e franceses: uma hipótese para a recepção da Escola dos *Annales* no Brasil”, os autores apostam na centralidade das missões francesas de fundação da Universidade de São Paulo (nos setores de História e Geografia) para o entendimento da influência dos *Annales* na historiografia brasileira. Retomam – posto que já apresentado em capítulos anteriores – o histórico da instituição paulista e da *Revista dos Annales* – e procuram realizar esse propósito expondo a trajetória de um dos primeiros catedráticos brasileiros (Eurípedes Simões de Paula, 1910-1977), examinando (o número de) os autores estrangeiros presentes na *Revista de História* e apresentando os nomes dos catedráticos e de suas respectivas áreas. O último capítulo, “Da França para o Brasil: leituras e apropriações do Marxismo e da ‘Nova História Cultural’ num departamento de História”, é dedicado à apresentação da trajetória de 15 professores do Departamento de História da Universidade Estadual Paulista (Unesp), do *campus* de Franca, procurando situá-los, como intelectuais “herdeiros do marxismo” e “estudiosos da cultura” que se vincularam à “nova história cultural” (ROIZ; SANTOS 2013, p. 203). Diante de um capítulo tão laborioso e paciente, que apresenta teses, memoriais, entrevistas, orientações, o ímpeto de fazer qualquer sugestão padeceria de constrangimento. No entanto, a entrevista realizada com Ivan Aparecido Manoel e transcrita no “Apêndice”, sugere que os autores se mantiveram rentes à narrativa dos próprios professores, às suas categorias (auto)classificatórias, sem indagar interesses de ordem material e simbólica em operação na sua formulação. Por fim, quanto ao epílogo, o título, “Como os historiadores escrevem a(s) sua(s) história(s)”, instiga a sugerir que seja enganoso. Talvez fosse o caso de intitulá-lo “como não escrevem a(s) sua(s) história(s)”, não para diminuir ou desmerecer o trabalho, mas ao contrário. Os autores ponderam de modo maduro e corajoso – coisa rara, diga-se de passagem – o que não foi possível fazer, assinalam falhas e fazem sugestões para possíveis desenvolvimentos. Assim, acreditam ser necessário aprofundar mais a pesquisa a respeito da “tradição inventada” (ideia do primeiro capítulo); reclamam por mais estudos que sistematizem a produção da pós-graduação em História, a fim de dar suporte às análises; e assinalam que não se deve generalizar para o restante do país o que foi apresentado para o cenário paulista (ROIZ; SANTOS 2013, p. 238-239).

Na qualidade de pesquisadora interessada em pelo menos dois filões que pontilham os artigos – a saber, história da historiografia e circulação internacional das ideias –, teço sugestões com o objetivo de somar meus esforços aos dos autores, adotando como direção uma observação de Christophe Charle: a história social das disciplinas universitárias deve “não apenas reconstituir a relação entre as instituições, os homens e as obras, mas igualmente compreender as condições favoráveis ou desfavoráveis à inovação” (CHARLE 2003, p. 33).

O volume considerável de documentos e bibliografia reunido pelos autores é acionado no livro em pelo menos dois planos: o da organização institucional (currículos, disciplinas, regimentos) e o biográfico (trajetórias dos historiadores).

Isso se evidencia, em particular, nos capítulos segundo e sexto, em que eles tentam articular tais dimensões para os casos de Fernand Braudel e Eurípedes Simões de Paula, respectivamente.

Assente que o regramento institucional em que os agentes se movimentam é decisivo para as possibilidades de sua produção, é imperativo se atentar para os artifícios que eles desenvolvem para contorná-lo. Isso porque o “estudo do controle das universidades pelo Estado, da descentralização universitária, ou do recrutamento dos administradores e dos professores”, que se apoiasse primordialmente em “textos de regulamentação, seria tão enganoso quanto a pesquisa dos comportamentos religiosos que quisesse inferir dos textos canônicos a prática real dos crentes” (BOURDIEU 1979, p. 82). Sendo essa prática o que interessa à história da historiografia, alguém poderia perguntar inocentemente: em que isso incide na produção propriamente intelectual? Ora, essa é a jogada mais central dentre as estratégias da produção simbólica.

Os autores dedicam bastante atenção à dimensão legislativa da vida universitária, e isso é necessário, porém não em detrimento da vivência social articulada à análise das “obras” (teses, resenhas, textos programáticos). A paciente descrição da *network* de Eurípedes Simões de Paula – Eduardo D’Oliveira França, Sérgio Buarque de Holanda, Pedro Moacyr Campos (ROIZ; SANTOS 2013, p. 176-177) – não requereria investigar quem eram eles, quando jovens, quando se aproximaram e como chegaram a estabelecer os laços de solidariedade profissional em meio a rivalidades intelectuais? Indagar sobre tais nexos teria conduzido os autores a explorar um pouco mais a sociabilidade desses primeiros catedráticos da FFCL-USP, bem como o regime de importação de práticas intelectuais oriundas das Faculdades de Direito, pelas quais todos eles passaram. O fato de a FFCL-USP se apresentar como rival das escolas “tradicionais” (Medicina, Direito, Engenharia) instiga a hipótese de que ou essa é uma invenção construída *a posteriori*, ou o setor de História tem alguma singularidade em relação às demais disciplinas que compunham o novo constructo.<sup>1</sup> Por outro lado, também seria o caso de inquirir a respeito das motivações e rendimentos das investidas, sobretudo de Eurípedes, em alocar-se em posições de poder institucional: direção da FFCL-USP, representação da Congregação da Faculdade no Conselho Universitário (CO), entre outras. Ainda que os textos oficiais de estabelecimento da instituição afirmem e reafirmem que um de seus propósitos consistia em formar professores, sabe-se que a profissionalização da docência foi um processo lento, repleto de disputas, e que os primeiros formados da FFCL-USP não tinham posto certo, seja no ensino público, seja no privado.<sup>2</sup> A leitura atenta do que Eurípedes escreveu sugere fortemente que uma de suas preocupações consistia em trabalhar para construir as condições de trabalho para os alunos que formava – fossem eles ocupar postos na Educação Básica ou Superior. Para dar apenas um exemplo: na aula inaugural de 15 de março de 1949, ele reclamava de verbas, de instalações e do mercado profissional que os

<sup>1</sup> Esta observação e as que seguem baseiam-se no capítulo 3 da minha tese de doutorado (RODRIGUES 2012).

<sup>2</sup> Uma história detalhada do processo a que me refiro encontra-se em MARCÍLIO 2005.

gressos não encontravam à época, receando perder talentos (PAULA 1953, p. 157 e ss.). Dito de outro modo: o padrão de relação entre ensino universitário de História e os demais níveis de ensino não correspondia ao atual. Isto é, estava destituído de dinâmica própria e auto propulsora, visto que o sistema educacional estava em processo de formação, sendo, portanto, mais dependente da ação dos agentes em posições estratégicas. É quase o oposto o que se constata nos dias atuais, quando a dinâmica sistêmica tendencialmente absorve a todos – mesmo estando em posições de poder institucional. Trata-se de uma evidência banal, mas ela nem sempre conduz a análise.<sup>3</sup> Ademais, embora seja um assunto para investigar, é possível interrogar: a direção institucional de suas investidas não teve incidência em sua produção intelectual? Exemplos de outros contextos assinalam as (im)possibilidades, assim como a dinâmica temporal envolvida no acúmulo simultâneo ou sucessivo dos poderes especificamente intelectuais e daqueles especificamente institucionais (BOURDIEU 1984, p. 138 e ss.).<sup>4</sup> Como explicar a imensa produção de textos para a *Revista de História* *pari passu* à exígua produção de pesquisa à luz das dificuldades em relação à documentação na área de História Antiga (que o historiador procurava sanar com suas viagens ao exterior)? O retrato que Eduardo D’Oliveira França desenha de Eurípedes – com quem travou amizade na Faculdade de Direito do Largo São Francisco e com quem lutou na Revolução Constitucionalista de 1932 –, então recém-falecido, afirmando que sua “vida (foi) gasta para atapetar a vida dos outros” (FRANÇA 1977) ganha um sentido dramático e ambíguo. Ele parece desvalorizá-lo intelectualmente para melhor enaltecê-lo institucionalmente.

196

*A transferências culturais na historiografia brasileira* é livro indiscutivelmente incontornável para quem se interessa pela recepção dos *Annales* no Brasil. Do mesmo modo, é imprescindível para a inteligibilidade dessas trocas culturais que o pesquisador entrelace os vestígios concernentes ao período em que Fernand Braudel lecionou na FFCL-USP (1935-1937). Ora, lê-los cautelosamente pode suscitar novos nexos entre evidências antigas. Teria sido nesse período e por meio de suas aulas e palestras que o programa (total ou parcial, a investigar) dos *Annales* foi incorporado por seus ouvintes? Nessa direção, seria o caso de se ler com atenção o trecho de uma entrevista dada pelo historiador na ocasião da comemoração dos cinquenta anos da fundação da Universidade de São Paulo:

a política estava sempre presente. Quando terminavam as aulas, políticos, representantes do governador, lá chegavam e procuravam discutir com o Júlio de Mesquita Filho quem estava lá [...] não escondiam uma certa preocupação de ver que estávamos formando intelectuais novos recrutados num nível relativamente modesto (BRAUDEL 1984).

Se for possível o paralelo de duas relações: professores e alunos / pintores e clientela, o cenário fica repleto de conflitos. A declaração sugere que as elites

<sup>3</sup> Uma proposta oposta a esta reconstitui os liames da hierarquia do sistema de ensino para conferir inteligibilidade às condições e obstáculos da produção inovadora dos *antiquisants* franceses. A leitura dá o que pensar a respeito de nossa experiência (BENTHIEN 2011, p. 61 e ss.).

<sup>4</sup> Recém-traduzido por Ione Ribeiro Valle e Nilton Valle para a língua portuguesa sob o título *Homo academicus* e publicado pela editora da UFSC em 2011.

contratantes impuseram algum freio às aulas, às inovações – eram elas afinal que financiavam missionários franceses e aulas de História. É difícil supor a existência da autonomia do “campo científico” nesse cenário.

As indagações sugeridas pressupõem, com efeito, outro *modus operandi* de manejar a bibliografia de referência. O leitor atento nota que há, no modo como a interpelam, se não um esforço para conciliar divergências em detrimento de expor discordâncias, decerto uma tendência para não apostar nelas. E, nesse regime de interlocução, uma referência se liga à outra e a documentação as confirma. A vantagem é indiscutível: os autores não despendem energias com controvérsias irrelevantes ou falsos problemas. Deixam, no entanto, de formular algumas que valeria a pena desenvolver. Por exemplo, para aludir a Lucien Febvre e seu *Rabelais*: “Se ‘Braudel já fosse Braudel’, ao chegar ao Brasil, seria possível a tal ‘inovação’ dos *Annales*, em São Paulo, na década de 1930?”.

Em suma, talvez por essa relação apaziguada com a bibliografia e contida em relação ao próprio escopo, os autores atijam a reflexão sobre o assunto e deixam, contudo, seus leitores inquietos. Por um lado, esse comedimento, em tempos como os atuais, em que o alvoroço por destaque fácil seduz inteligências, é de se apreciar. Por outro lado, esquivam-se de controvérsias. O resenhista fica assim numa posição difícil e tentado a indagar, mais diretamente: “farta bibliografia, farta documentação. Mas a presença dos *historiadores* franceses das missões em tela garantiu a presença da historiografia dos *Annales*? Em São Paulo? No Brasil?”. O assunto está longe de ser esgotado.

197

### Referências bibliográficas

BENTHIEN, Rafael Faraco. **Interdisciplinaridades**: latinistas, helenistas e sociólogos em revista (França, 1898-1920). Tese (Doutorado em História Social) Programa de Pós-Graduação em História Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

BOURDIEU, Pierre. **Homo academicus**. Paris: Minuit, 1984.

\_\_\_\_\_. A comparabilidade dos sistemas de ensino. In: DURAND, J. C. **Educação e hegemonia de classe**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

BRAUDEL, Fernand. Entrevista. **Jornal da Tarde**, 1984.

CHARLE, Christophe. Como anda a história social das elites e da burguesia? In: HEINZ, Flávio M. (org.). **Por outra história das elites**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

FRANÇA, Eduardo D’Oliveira. Homenagem da Congregação à Memória do Prof. Dr. Eurípedes Simões de Paula. **Separata**. São Paulo: FFLCH-USP, 1977.

FREITAS, Itamar. **Histórias do ensino de história no Brasil (1890-1945)**. São Cristóvão, UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2006.

MARCÍLIO, Maria Luíza. **História da escola em São Paulo e no Brasil**. São Paulo: Imprensa Oficial; Instituto Fernand Braudel, 2005.

- NOIRIEL, Gérard. Naissance du métier d'historien. **Genèses**, n. 1, p. 58-85, 1990.
- PAULA, Eurípedes Simões. A História e seu ensino na Faculdade (15/03/1949). **Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP**. 1939-1949. São Paulo: Seção de Publicações, 1953.
- RODRIGUES, Lidiane Soares. **A produção social do marxismo universitário: mestres, discípulos e um seminário**. Tese (Doutorado em História Social) Programa de Pós-Graduação em História Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- ROIZ, Diogo da Silva; SANTOS, Jonas Rafael. **As transferências culturais na historiografia brasileira: leituras e apropriações do movimento dos *Annales* no Brasil**. Jundiaí: Paco Editorial, 2012.
- PEIXOTO, Fernanda. **Estrangeiros no Brasil: a Missão Francesa na Universidade de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1991.